O Brasil na época da Criação da Subunidade Escola Motomecanizada.

Em 1938, ano que foi criada a Subunidade Escola Motomecanizada, o Brasil vivia a chamada Era Vargas ou período getulista. Essa etapa da história do Brasil teve início com a Revolução de 1930 e se estendeu até 1945.

Presidente Getúlio Vargas

Durante esse período de quinze anos, o Brasil sofreu grandes transformações de caráter social, político e econômico, onde a sociedade urbana cresceu em relação à sociedade rural, a indústria aumentou o seu âmbito de ação na economia nacional, a burguesia empresarial brasileira aumentou o seu poder em detrimento das tradicionais oligarquias agrárias, a classe média e o operariado cresceram e conquistaram espaços na vida política do país.

O Brasil ainda participou da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), com a Força Expedicionária Brasileira (FEB), lutando contra o nazi-fascismo. Sua participação no conflito foi importante, pois tornou evidente a contradição vivida pelo Estado Novo, que enviava tropas para lutar pela democracia no exterior, mas internamente mantinha um regime ditatorial.

Distintivo da FEB

O retorno dos contingentes da FEB precipitou, assim, a queda de Vargas, sendo ele deposto pela alta cúpula do Exército em 1945.

A Era Vargas pode ser dividida em três fases: Governo Provisório (1930) – 1934), Governo Constitucional (1934 - 1937) e o chamado Estado Novo (1937 -1945).

A Subunidade Escola Motomecanizada

A primeira iniciativa de implantação da motomecanização através dos blindados no Exército ocorreu em 1921, quando foi organizada na Vila Militar no Rio de Janeiro a Companhia de Carros de Assalto, sob o comando do Capitão José Pessoa Cavalcante de Albuquerque. A Companhia era dotada dos Primeiros blindados a chegarem na América do Sul, os franceses Renault FT-17.

Essa iniciativa de implantação dos blindados, promovida pelo Capitão José Pessoa, sofreu grande oposição dentro do Exército. No período pós Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), havia uma grande polêmica em relação a adoção da motomecanização em nosso Exército, pois muitos argumentavam a vulnerabilidade e dificuldade de deslocamento dos blindados através das estradas precárias da época. Além disso, a Cavalaria Brasileira sendo muito ortodoxa, considerava a motomecanização uma grande ameaça as tradições por ela cultuada, o que gerou grande empecilho à substituição do cavalo pelo veículo automóvel.

Capitão José Pessoa

Essas dificuldades acabaram sufocando a tentativa de implantação dos blindados e a conseqüente motomecanização, sendo a Companhia de Carros de Assalto desativada e jogada no esquecimento.

Em 25 de maio de 1938, através do Aviso nº 400, é criada a Subunidade Escola Motomecanizada, marcando a retomada definitiva da implantação dos blindados na Cavalaria do Exército Brasileiro. É importante destacar que o Aviso já previa a criação de um Centro de Instrução.

A Subunidade Escola foi o núcleo básico do Centro de Instrução de Motorização e mecanização (CIMM), ou seja,foi responsável pela preparação e organização de tudo que fosse necessário para a futura criação de um Centro de Instrução.

Era composta por 23 blindados italianos Fiat-Ansaldo, o chamado Esquadrão de Autometralhadoras. O Ansaldo foi o blindado que, pelo sucesso do desempenho na Guerra Civil Espanhola e na Campanha da Etiópia, tornou-se o mais indicado para as condições de nossos terrenos. Foi incorporada posteriormente uma Seção de Carros de Combate Renault FT-17, oriundos da antiga Companhia de Carros de Assalto.

O Centro de Instrução de Motorização e Mecanização

No dia 21 de janeiro de 1939, foi criado o Centro de Instrução Motorização e Mecanização - CIMM, sendo designado como comandante o Major Durval de Magalhães Coelho. Seu primeiro curso teve início no dia 15 de março de 1939, com a participação de 26 oficiais, entre capitães e tenentes.

Major Durval de Magalhães Coelho

A atuação da Escola de Motomecanização

O advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e a iminente participação brasileira no conflito ao lado dos aliados, levou o Brasil a adotar a doutrina americana. Surgiu assim à necessidade de formação em curto prazo de profissionais aptos ao emprego dos carros de combate M-3, Scout Car sobre rodas e meia lagarta (Half-track) e M-4.

Com o novo encargo houve a necessidade de transformação do CIMM, modificando o ensino de motomecanização no Brasil e, como consequência, foi criada a Escola de Motomecanização (EsMM), no dia 7 de julho de 1942, através do Aviso nº 1789, sendo seu primeiro comandante o Tenente Coronel Artur da Costa e Silva.

Ten Cel Costa e Silva, ao centro, primeiro comandante da EsMM, e oficiais alunos.

A EsMM teve grande destaque na contribuição à Força Expedicionária Brasileira (FEB), formando os militares de várias armas que atuariam especificamente no Serviço de Material Bélico e como combatentes operadores do material americano.

Foi realizado um profundo esforço no sentido de capacitar os recursos humanos para a FEB e para isso concorreu com a preparação de especialistas da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), cooperando ainda com a Marinha do Brasil e com a Força Aérea Brasileira, no preparo de mecânicos de viatura.

Carros de combate M-3, Scout Car sobre rodas e meia lagarta (Half-track).

A atuação da Escola de Motomecanização na Operação Natal

Nos anos 50, a realização de uma grande missão da Escola, conhecida como Operação Natal, merece destaque. Conduzida pelo seu comandante, Coronel Carlos Flores de Paiva Chaves, esta consistiu na reparação e no transporte do material automóvel para o 3º G Can AAE, localizado em Natal, no Rio Grande do Norte.

É importante ressaltar que a Operação, paralelamente, realizou ações cívico-sociais, dando assistência à população carente do itinerário e ações cívico-culturais, onde os sítios históricos de Guararapes e Canudos foram visitados e as batalhas reconstituídas.

Participantes da Operação Natal em plena caatinga em Jeremoabo na Bahia

A Criação do Lema

No período em que ocorria a Operação Natal, o Brasil vivia uma grave crise política provocada por parte de alguns setores da sociedade, que não aceitavam a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Esse momento da história brasileira ficou conhecido como a crise de 1955.

Os integrantes da EsMM que não participaram da Operação receberam ordem direta do General Odílio Denys, comandante da Zona Militar do Leste, para mobiliar pontos vitais do Rio de Janeiro com blindados. Na época era Ministro da Guerra o General Henrique Duffles Batista Teixeira Lott, que ordenou a intervenção objetivando cumprir os preceitos constitucionais.

Foi nesse período de retorno ao comando do agora Coronel Paiva Chaves que foi criado o lema: **"NÃO ESPERE, FAÇA!"**. O lema foi criado com o objetivo de nortear todos os integrantes da Escola, e para isso foi pintado num local de grande visibilidade a todos, no alto da caixa d'água.

EsMM em ação durante a Crise política de 1955.

Lema pintado na caixa d'água até os dias atuais.

A Escola de Material Bélico

Em 1959 foi criado o Quadro de Material Bélico, o que gerou mais uma transformação na Escola. O comandante responsável pela transformação foi o Coronel Vasco Kroft de Carvalho.

Em 27 de janeiro de 1960 com a anexação da Seção de Armamento da Escola de Instrução Especializada, a EsMM recebeu a denominação de Escola de Material Bélico (EsMB) e firmou a sua posição de pólo irradiador dos conhecimentos técnicos de manutenção, ou seja, formar a mentalidade de manutenção no Exército, consubstanciados na missão de instruir oficiais e praças do nosso Exército e de Nações Amigas, de outras Forças Singulares e de Forças Auxiliares.

Fachada da EsMB

Para criar um vínculo dos militares da ativa com a reserva foi criada “A Chamada Geral”, uma Associação de classe dos Integrantes e ex-Integrantes da Escola, que participam ativamente dos eventos promovidos na Escola.

A EsMB foi modernizada, no comando do Coronel Marcelo Rufino dos Santos, de janeiro de 1987 a janeiro de 1989, oportunidade em que foram construídos quatro pavilhões destinados ao ensino de armamento, munições e explosivos, instrumentos de direção, observação e controle de tiro, inclusive optrônicos. Foram construídas também as instalações do Corpo de Alunos.

A década de 1990 trouxe a modernidade em termos de equipamentos, particularmente com o recebimento dos Blindados M 60 A3 TTS e Leopard 1 A1, da Viatura Blindada Obuseiro Auto-Propulsado M 109 A3, e de armamentos como o Míssil Igla e o canhão 84 mm Karl Gustaf.

A Transformação

Em 2010, por força da evolução da doutrina militar do Exército Brasileiro, a Escola de Material Bélico, sob orientação do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), iniciou um processo de transformação em Escola de Sargentos de Logística (EsSLog). Assim, pela Portaria do Comandante do Exército nº 126 de 10 de março de 2010, foi criada a EsSLog. Sua criação foi uma consequência do Plano Estratégico de Reestruturação do Exército (PEREX) 2011-2014 e sua missão é formar e aperfeiçoar os sargentos das QMS Técnico-Logísticas.

A EsSLog ocupou as instalações da Escola de Material Bélico e da Escola de Comunicações, estabelecimento de Ensino vizinho, que foi transferido para o Centro de Comunicações e Guerra Eletrônica do Exército. A partir de 2011 passou a reunir todas as QMS Técnico-Logísticas.

Apesar da sua recente criação, ela traz consigo os valores e a memória institucional da Escola de Material Bélico, criada em 1938, com a denominação de Subunidade Escola Motomecanizada, da qual a Escola mantém o acervo histórico.